



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

A EMBRIAGUEZ NA LÍRICA DE HILDA HILST

Juliana Santos Pacheco (UFMA/Fapema) - julianaspatcheco17@gmail.com

RESUMO

As odes anacreônticas que tratam da embriaguez apresentam a celebração do vinho, tendo como objetivo aproveitar o dia de hoje por ter consciência da finitude da vida. Assim, podemos associar o *gozar o dia de hoje* com o *carpe diem* consagrado por Horácio, isto é, desfrutar o momento mediante ao consumo do vinho. Diante disso, o trabalho tenciona realizar cotejos entre a embriaguez na antiguidade através das odes: XV: *Da vida prazenteira* e XXXVI: *Viver descuidadamente* do livro *Odes de Anacreonte e suas traduções* (1982) de Almeida Cousin e nas odes horacianas 1, 11 e 2, 11 do livro *Horácio o poeta da festa: navegar não é preciso* (1995) de Dante Tringali, e a embriaguez nos poemas da contemporaneidade por meio da lírica de Hilda Hilst (1990), no livro *Alcoólicas*. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos como fundamentação teórica a obra *Lírica e lugar-comum* (1994) de Francisco Achcar, *Literatura Européia e Idade Média Latina* (1979) de Ernst Robert Curtius - referência no método de investigação tópica e também o livro *Dioniso a Céu Aberto* (1988) de Marcel Detienne.

Palavras-chave: Embriaguez. Vinho. Lírica Contemporânea. Hilda Hilst.

1 INTRODUÇÃO

*Não devemos confiar o peito aos males,
pois não avançaremos atormentando-nos,
ó Biquis, mas o melhor dos remédios
é vinho beber, eles o trazendo...*
(Alceu)

Sabe-se que a poesia na Antiguidade Clássica era legitimada através da imitação de autores e modelos clássicos:

[...] era não apenas comum, como também recomendável, que o autor empregasse como referência criativa a obra de outros poetas, valendo-se de convenções consagradas e atualizando, conforme sua perícia poética, os lugares-comuns do patrimônio da arte a que se encontrava vinculado. (QUEVEDO, 2014, p.1)

Sendo assim, há esquemas poéticos clássicos que foram apropriados e modificados por poetas de diferentes períodos literários, mas que na sua essência permanecem iguais. Posteriormente, esses esquemas foram denominados *topos*, a saber, lugar-comum. Em seu

monumental livro *Literatura europeia e Idade Média latina* (1979) Ernst Robert Curtius explica esse *topos*:

No tocante à argumentação, a teoria fez, precisamente nesse campo, distinções extremamente sutis, em cujos pormenores não é possível entrar. Em substância, todo discurso (inclusive o laudatório) deve tornar aceitável uma proposição ou causa. Valer-se-á para tanto de argumentos dirigidos à razão ou ao coração do ouvinte. Ora, existe uma série de tais argumentos, aplicáveis aos diferentes casos. São temas ideológicos apropriados à descrição, a desenvolvimentos e variações. [...]. Não podemos empregar a palavra, porque perdeu o sabor original. Conservamos por isso o grego *topos*. [...] A teoria dos *tópoi* – a tópica – tornou-se objeto de trabalhos especiais. (CURTIUS, 1979, p. 72)

Além do filólogo alemão, Francisco Achcar (1994) também apresenta uma definição para esses motivos recorrentes – menor unidade de significação de um tema – explicando que, “ao contrário do que à primeira vista pode parecer, é, sobretudo na utilização dos *tópoi* que se revela a originalidade do poeta [...]”. (ACHCAR, 1994, p. 29). Na obra *Lírica e lugar-comum*, Achcar percorre um caminho evidenciando a *topos* do *carpe diem* de Horácio da tópica horaciana até o Modernismo:

[...] efemeridade da existência e o convite ao prazer. Por isso o denominamos com a mais célebre expressão do tópo da exortação hedonista; *carpe diem*. Como gênero, ele forma-se a partir do desenvolvimento desse lugar em esquema retórico da poesia simposial de teor deliberativo. O exemplário procura acompanhar o clichê desde a pré-história, em Homero, até sua constituição como gênero, nos poetas da lírica monódica grega, e a sua expressão romana em Catulo impregnada de caracteres helenísticos. (ACHCAR, 1994, p.20)

Dessa maneira, pretendo apresentar a embriaguez do vinho associada à efemeridade da existência traçando um percurso desde duas odes anacreônticas, passando por outras duas odes horacianas e concluindo com dois poemas de Hilda Hilst no livro *Alcóolicas* (1990) reunido com outros livros de poemas da autora em um único volume chamado *Da poesia* (2017).

1.1 A EMBRIAGUEZ NA LÍRICA DE HILDA HILST

A Epígrafe deste trabalho apresenta uma cena simposiástica¹. Citado por Ateneu, segundo Giuliana Ragusa na obra *Lira Grega: Antologia de poesia arcaica* (2013), esse fragmento mostra a *persona* se dirigindo a um suposto amigo (Biquis) em um simpósio, que fala do vinho como um *phármakos*, ou seja, como um remédio para as tristezas dos mortais.

O estudioso belga Marcel Detienne em seu livro *Dioniso a céu aberto* (1988) reitera o poder do vinho como um remédio para os males humanos:

O filho de Sêmele, que inventou e introduziu entre os homens o alimento líquido, a bebida extraída da uva: ela acalma as angústias dos pobres humanos quando se fartam do licor da vinha; ela lhes traz a dádiva do sono, esquecimento dos males quotidianos, e não há outro remédio para seus males. (DETIENNE, 1988, p.51)

¹ O simpósio era o “momento, após a refeição, em que todos passam a beber”. [...] designa de uma só vez uma prática de beber junto, e um instituição. (SCHIMITT-PANTEL *apud* RAGUSA, 2013, p.21). Era o momento em que alguns poetas ou viam e cantavam ou recitavam o que lhes agradava.

Conforme Giuliana Ragusa no livro *Lira Grega: Antologia de poesia arcaica* (2013), o poeta Alceu (Ilha de Lesbos, c.630-580 a. C) “[...] parece ter sido o primeiro a realizar associação entre o tema do vinho e da efemeridade da vida humana, tão próprios ao que a tradição posterior aos poetas latinos-notadamente a Horácio.” (RAGUSA, 2013, p.92). Na tradição clássica, o poeta Anacreonte (Teos, 563 a.C. -Teos, 478 a.C.) , assim como Alceu, também trata da embriaguez por meio do consumo do vinho relacionando-o com a efemeridade da existência humana conforme se vê nesta ode:

XV Da vida prazenteira
Que me importa esse Giges,
Potente rei de Sardes?
Não quero nem invejo
O cetro dos tiranos.
Prefiro perfumosas
Ter a barba e as melenas;
Coroar-me de rosas
E, antes que ele se acabe,
Gozar o dia de hoje,
Pois-amanhã-quem sabe?
Se o destino serenas
Das horas favoráveis,
Bebe o teu vinho, joga
E o Baco vem , amáveis,
As libações fazer
Porque, se uma doença
Um dia te colher
Bem pode ela dizer-te:
-Já basta de beber! (COUSIN, 1982, p.53)

Nessa ode, a *persona* afirma que não inveja o cetro de um rei tirano como Giges. o rei de Sardes, mas que ele prefere ter a barba e seus cabelos perfumados, coroado de rosas, para que possa aproveitar cada momento do dia, porque o dia de amanhã é incerto aos mortais. Diante disso, é preciso aproveitar o dia bebendo o vinho, esperando que o deus Baco² venha e brinde o prazer da embriaguez, porque se algum dia uma doença acometê-lo não será mais possível beber. Portanto, nessa ode, a embriaguez passa a ser um remédio para os infortúnios humanos, é preciso beber sem cessar, é preciso sorver do vinho porque aos mortais não é dado conhecer o futuro, então, é lícito beber todos os dias, antes que chegue a morte.

Em outra ode anacreônica podemos perceber mais uma vez a associação da embriaguez através vinho com a consciência da mortalidade humana. Vejamos:

XXXVI: Viver descuidadamente
Por que me ensinas dos retores
Os necessários argumentos?
De que me servem grandes vozes
Para prestar socorro e alentos?
A beber-sim!-vinde ensinar-me
O vinho bom, de Baco louro,
E, em brinco alegre, entrelaçar-me
De uma Afrodite às tranças de ouro...
As cãs diademam-me a cabeça...
Dá-me água e vinho! Anda,menino!

² Baco, em grego *Bḗkxh* (*Bákkhos*) e seus vários derivados, como *Báxxn* (*Bákkhe*), Bacante e o *bakxeúein* (*bakkheúein*), "estar em transe, ser tomado de um delírio sagrado". Portanto, O deus representa o entusiasmo.Ele é responsável por conduzir os homens êxtase, transportá-los ao delírio báquico. (BRANDÃO, 1987, p.113)

Faz com que esta alma se entorpeça
Que, em breve, os restos animais
Vais sepultar-me (isso é destino!)
-Mortos não têm desejos mais! (COUSIN, 1982, p.103)

Na ode acima a *persona* indaga o porquê que os estudiosos da retórica ensinam argumentos e também indaga a respeito da serventia de tantas vozes que desejam alentar e dar socorros, se quem ensina e quem alenta verdadeiramente é o prazer de beber, o êxtase provocado pela embriaguez. A *persona* também chama pelo deus Baco para que este lhe ensine o vinho bom e também convoca a deusa Afrodite que representa a beleza e a sexualidade. Enquanto os fios brancos dos cabelos adornam a cabeça da *persona*, ou seja, enquanto envelhece e a morte não chega, ele deseja o vinho para que sua alma se entorpeça. Portanto, mais uma vez, a embriaguez representa um remédio para esquecimentos dos sofrimentos dos mortais, mais precisamente como um anestésico no qual não se possa sentir na alma os sofrimentos, talvez tentar neutralizar os males. O ato de se embriagar é mais uma fuga de uma realidade atroz, um consolo para quem já sabe o seu destino. Posterior a Anacreonte, o poeta Horácio (Roma, 65 a.C – Roma, 8 a.C) também utiliza desse *topos*, no entanto, ele cria a expressão de caráter hedonista *carpe diem*: “[...] conclamação do prazer, aliás, é constante na lírica do *carpe diem*, na qual o hedonismo é sempre apresentando como resultante lógica da consciência da efemeridade.” (ACHCAR, 1994, p.67). Vejamos a seguinte ode horaciana:

Que tu não indaques, é impiedade saber
que fim, os deuses reservaram para mim e para ti,
ó Leucônoe, nem consultes os números babilônios.
Quanto melhor será suportar o que quer que seja!
Ou Júpiter te concedeu muitos invernos ou o último
(este) que agora extenua o mar Tirreno de encontro
Às rochas. Sê sensata, coa o vinho e limita uma longa esperança
pelo breve espaço de vida. Enquanto falamos,
foge o tempo invejoso. Colhe o dia (de hoje),
quanto menos crédula no dia seguinte. (TRINGALI, 1995, p.173-174)

Na ode acima percebemos que o eu-lírico orienta sua interlocutora a não se afligir porque “a vida se escoia fugaz e a juventude com ela, [...], não consentindo que se alimentem, em tão breve tempo, longas esperanças. O futuro se oculta numa noite caliginosa e incerta. De nada adianta consultar horóscopos, [...]”. (TRINGALI, 1995, p. 25)

O eu-lírico aconselha Leucônoe a ser sensata e coar o vinho, pois é preciso beber do vinho que dá conforto e esperança nessa curta jornada que é a vida. Não precisa esperar muito para que se beba, porque o tempo vai passando, portanto: “Horácio recomenda consumo imediato: é verdade que o vinho pode melhorar se o deixares em repouso, mas talvez não o bebas”. (ACHCAR, 1994, p. 92). Há uma urgência no convite do eu-lírico à Leucônoe para que ela “colha o dia”. Essa expressão horaciana tem sentido parecido com o “gozar o dia” da primeira ode anacreônica analisada neste trabalho. Como pode-se vê, há certa apropriação de um esquema poético na ode de Horácio, mas não como uma imitação de

completo esquema das odes de Anacreonte, mas como revisitação que culmina em uma particularidade Horaciana, haja vista a célebre expressão “Colhe o dia”. De semelhante modo às odes anteriores, mais uma vez Horácio apresenta um eu-lírico exortando uma segunda pessoa- Quinto Hirpino - para que ele deixe de indagar àqueles que tramam silenciosamente sob o perigoso cântaro onde jaz o vinho. Ele também exorta Quinto para que não se deixe perturbar com as inquietações da vida, porque a juventude com seus encantos é expulsa pelos cabelos brancos da velhice, logo, se vão os prazeres dos amores juvenis que dão lugar ao sono fácil. Diante desse relato do eu-lírico, é preciso beber e ficar estendidos por entre as árvores- plátano e pinheiro- enquanto ainda é permitido.

Deixes de indagar, ó Quinto Hirpino,
o que maquinam o belicoso cântaro e o cita,
separados de nós pelo interposto Adriático,
nem te perturbes com as necessidades da vida
que não pede pouco. Para trás fuge a imberbe
juventude e seu encanto; as áridas
cãs expulsam os lascivos amores
e o sono fácil.
As flores primaveris não têm sempre a mesma honra
nem a lua ruborizada esplende com uma só face,
por que fatigas com eternos projetos
um ânimo menor?
Por que não bebemos, enquanto é lícito, estendidos
assim, ao acaso, sob alto plátano
ou sob este pinheiro,
com os encarnecidos cabelos perfumados de rosas
e ungidos com o nargo assírio?
Évio dissipa os cuidados vorazes.
Que menino bem depressa temperará
os copos do ardente Falerno,
com oferecimento de água?
Quem fará sair de sua casa distante, Lide,
a cortesã? Eia, diga-lhe que se apresse
com sua lira ebúrnea, preso ao cabelo
com um elegante nó, à moda lacedemônia. (TRINGALI, 1995, p.182)

Passemos a verificar a presença da embriaguez na lírica contemporânea de Língua Portuguesa por meio de dois poemas da poetisa paulista Hilda Hilst (1930-2004):

II
Também são cruas e duras as palavras e as caras
Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos
Vão se fazendo remansos, lentilhas d'água, diamantes
Sobre os insultos do passado e do agora. Aos poucos
Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas
De um amora, um que entrevi no teu hálito, amigo
Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas
Vai se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte
É um rei que nos visita e nos cobre de mirra.
Sussuras: ah, a vida é líquida. (HILST, 2017, p.470)

Nesse poema, podemos perceber o eu-lírico em um diálogo com a própria Vida- duas senhoras encharcadas de riso- antes que sentem à mesa “Diante do coruscante ouro da bebida” seus semblantes e suas palavras são ásperas: “Também são cruas e duras as palavras e as caras /Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida”. Entretanto, à medida que sorvem do vinho o

passado vai se fazendo esquecido e ao poucos as duas senhoras que outrora estavam sérias agora estão gargalhando. Diante dessa cena descrita, verifica-se os estágios da embriaguez e a consequente mudança de caracteres do indivíduo após o consumo da bebida. A obra atribuída a Aristóteles intitulada *O Problema XXX* elenca as mudanças graduais que os indivíduos apresentam após beber do vinho:

[...] pode-se ver que o vinho transforma os indivíduos de diferentes maneiras, se se observa como ele muda gradualmente aqueles que o bebem. Porque ele se apossa de pessoas que são, quando se abstém do vinho, frios e silenciosos, bebido em uma não ação muito grande quantidade, ele o faz mais falantes; se eles continuam, ei-los ousados a empreender; ainda um pouco mais de vinho absorvido os deixa violentos, depois loucos; e uma extrema abundância lhes desfaz, deixando-os idiotizados [...] Da mesma maneira, portanto, que um só homem muda de caráter ao beber e utilizar o vinho em uma quantidade determinada, assim se encontram homens para corresponder a cada um desses caracteres. Porque o estado desse homem que bebeu, nesse momento preciso, é o estado em que se encontra um outro homem por natureza, um é falante, um outro agitado, um outro próximo das lágrimas. Porque o vinho também põe nesses estados. (ARISTÓTELES, p.85)

Após sorverem da bebida, o *persona* e a Vida estão estendidos ao chão e compreendem que: “a morte/ É um rei que nos visita e nos cobre de mirra”. É um verso que faz clara alusão ao nascimento de Cristo quando este, após seu nascimento é visitado por três reis em que um deles o presenteia com mirra. Portanto, a morte passa a representar a figura de uma majestade, é um rei que vale a pena esperar porque ela trará algo bom para todos os seus súditos. O *persona*, nesse poema, consegue ironizar o fato de que não apenas o nascimento de uma criança pode ser esperado promovendo a celebração da vida com presentes, mas também a morte. Entende-se, assim, que a morte também deve ser esperada através de uma celebração, e essa celebração é justamente o ato de beber. No último verso do poema: “Sussuras: ah, a vida é líquida.” percebe-se a consciência da finitude da vida, ou seja, a vida é líquida porque escorre pelas mãos, passa depressa. Passemos ao outro poema acerca da embriaguez:

III
Alturas, tiras, subo-as, recorto-as
E pairamos as duas, eu e a Vida
No carmim da borrasca. Embriagadas
Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.
Que estiola galhofa. Que desempenados
Serafins. Nós duas nos vapores
Lobotômicas líricas, e a gaicagem
Se transforma em galarim, e é translúcida
A lama e é extremoso o Nada.
Descasco o dementado cotidiano
E seu rito pastoso de parábolas.
Pacientes, canonisas, muito bem-educadas
Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.
Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida. (HILST, 2017, p.470)

O poema acima é a continuação daquele citado anteriormente. O *persona* e a Vida- as duas amigas- após se embriagarem pairam extasiadas “No carmim de borrasca”. Já embriagadas as duas parecem fazer peripécias que antes, sóbrias, não fariam, por exemplo: mergulham embriagadas em terrenos alagadiços que coaxam. Outra interpretação seria dizer

que borraçal é certa casta de uva branca. Dessa maneira, elas mergulhariam em sub-regiões ligadas à viticultura. Depois que as duas mergulham no borraçal passam a compreender que “A lama e é extremoso o Nada.” É como se a embriaguez através do êxtase e a consequente expansão da alma humana propiciasse às duas a possibilidade de realizar feitos que antes não teriam coragem, isto é, em que antes ,mais contidas, não fariam. Assim, embriagadas passam a ter uma compreensão maior de tudo o que as rodeia mesmo que temporariamente.

Entretanto, após cessar a embriaguez, o *persona* e a Vida voltam ao estado de lucidez, um estado sem a euforia propiciada pela bebida. Sendo assim, juntas, pacientes, bem-educadas, ou seja, comedidas elas aguardam o desaparecimento do sol: “Pacientes, canonisas, muito bem-educadas/Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.” E no último verso, verifica-se por parte do *persona* a compreensão em saber que tudo que os rodeia se dignifica porque a vida é líquida, em outras palavras, o todo que as rodeia somente é nobre-tem sentido- porque se tem a compreensão da brevidade da vida.

2 CONCLUSÃO

Foi possível perceber que as menções da embriaguez aliada à efemeridade da existência humana não são utilizadas de maneiras fortuitas. Conforme foi dito neste trabalho, essas recorrências são comuns desde a antiguidade- o que Curtius chamará posteriormente de *topos*, os lugares-comuns- para que houvesse a legitimidade da poesia de determinado poeta. Portanto, imitar os clássicos não era apenas recomendável, mas era um dever se apropriar de esquemas poéticos perpetuados pela antiguidade, no entanto, mais que imitar era precisar emular, a saber, modificar tais esquemas para houvesse certa originalidade. Conforme se observou em Horácio, quando ele cria a célebre expressão *Carpe Diem* (colher o dia) de sentido semelhante ao “gozar o dia” de Anacreonte. No tocante à originalidade na poesia relacionando ao *topos* Achcar observa:

De fato, ao contrário o que à primeira vista pode parecer, é, sobretudo, na utilização dos *tópoi* que se revela a originalidade do poeta; a seleção, a expressão e a combinação de deles oferecem possibilidade inesgotáveis de soluções imprevistas dentro do uso tradicional, chegando até as transgressões desse uso. (ACHCAR, 1994 p.29)

Importa ressaltar que essas apropriações de esquemas literários feitas pelos poetas contemporâneos não nos permite afirmar que se trata de uma continuidade da tradição clássica, mas sim de uma revisitação, uma vez que o poeta não se vê mais ligado à necessidade de legitimação da sua arte por meio da imitação das convenções consagradas. Trata-se, Segundo Rafael Quevedo explica, de “uma espécie de intertexto por meio do qual presente e passado se interceptam proporcionando deslocamentos de sentido decorrentes dos diferentes contextos de produção em que são praticados os lugares-comuns em questão.” (QUEVEDO, 2017, p.111). Dessa maneira, pode-se dizer que Hilda Hilst retoma um lugar-comum, a saber, a embriaguez, mas não necessariamente se apropria de todo um esquema

rígido no qual os poetas da tradição consagraram, assim, ela se apropria de um conteúdo e o atualiza na contemporaneidade. No famoso ensaio intitulado “O que é o contemporâneo”, Giorgio Agamben elucida:

Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse afastamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e de apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58)

RÉSUMÉ

Les odes anacréontiques qui traitent de l'ivrognerie présentent la célébration du vin, visant à profiter de l'actualité pour avoir conscience de la finitude de la vie. Ainsi, on peut associer la journée à la *carpe diem* consacrée par Horace, c'est-à-dire, profiter du moment en consommation le vin. Dans cette perspective, le travail entend faire des comparaisons entre l'ivrognerie dans l'antiquité et les odes: Da vida prazenteira et XXXVI: Viver descuidadamente du livre *Odes de Anacreonte e suas traduções* (1982) d'Almeida Cousin et dans les Horace odes 1, 11 et 2, 11 du livre *Horácio o poeta da festa: navegar não é preciso* (1995) de Dante Tringali et l'ivrognerie dans les poèmes de la contemporanéité à travers de la lyrique de Hilda Hilst (1990), dans le livre *Alcóolicas*. Pour le développement de ce travail, nous utilisons comme fondement théorique le travail *Lírica e lugar-comum* (1994) de Francisco Achcar, *Literatura Européia e Idade Média Latina* (1979) d'Ernst Robert Curtius - référence dans la méthode d'investigation topique et ainsi le livre *Dioniso a Céu Aberto* (1988) de Marcel Detienne.

Mots-clés: l'ivrognerie. Le vin. Lyrique Contemporaine. Hilda Hilst.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARISTÓTELES. *O Homem de gênio e a melancolia; o problema XXX*, 1. Tradução do grego, apresentação e notas Jackie Piegeaud; tradução Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Volume II. Petrópolis: Vozes. 1987.

COUSIN, Almeida. *Odes de Anacreonte e suas traduções*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DETIENNE, Marcel. *Dioniso a céu aberto*. Tradução de Carmem Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HILST, Hilda. *Da poesia*. 1ª edição. São Paulo: Compainha das Letras, 2017.

QUEVEDO, Rafael Campos. *Lírica contemporânea e tradição poética: topoi clássicos em poemas de Érico Nogueira, Fabrício Marques e Paulo Henriques Britto*. In: Caligrama: Revista de Estudos Românicos, v. 22, p. 109-124, 2017, Belo Horizonte. Disponível em: <

QUEVEDO, Rafael Campos. *O lugar da investigação dos topoi na lírica contemporânea de língua portuguesa: considerações metodológicas*. In: COI INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3.,2014, Maringá.

RAGUSA, Giuliana. *Lira Grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

TRINGALI, Dante. *Horácio, poeta da festa. Navegar não é preciso. 28 odes latim, português*. São Paulo, Musa editora, 1985.